

# Prédica no culto de Pentecostes na Faculdade de Teologia

Texto: Romanos 8, 1-11

Prezada Comunidade

Vivemos numa época na qual os protestos, as demonstrações, as greves políticas, os levantes e as revoluções estão na ordem do dia. Em tudo isto se expressa a resistência — especialmente da juventude engajada — contra uma política que se baseia numa estrutura que enquadra uma classe que domina e outra que é dominada. Mesmo govêrnos, que menos mediante um levante popular do que mediante um golpe militar, chegaram ao poder, acham conveniente enfeitar-se com o rótulo, ou a etiqueta atrativa, de revolução ou de movimento revolucionário. Martin Luther King, Camillo Torres, Che Guevara, Ho Chi Minh são os heróis e os ídolos da nova geração que quiçá experimenta melhor o fato que vivemos numa fase de transição ou numa censura dos tempos: a época que chamamos idade moderna possivelmente está por terminar e uma nova época ainda sem nome se anuncia.

Por isso, os jovens engajados e revoltados contra os ideais passados talvez reajam alèrgicamente ao texto da prédica. Já que com “carne” parece condenar-se qualquer forma de protesto, ceticismo e desobediência; e com a palavra “espírito” parece proclamar-se como ideal da igreja um tipo de homem subordinado, obediente, paciente, alienado das alegrias e dos sofrimentos do mundo. Assim, naturalmente, compreendemos o texto bíblico orientados por um preconceito ideológico. Entendemo-lo mediante uma precompreensão a qual tem as suas bases na história da igreja e das formas devocionais, mas a qual absolutiza estas mesmas formas de fé. Dêste modo se poderá chegar à conclusão de que tudo que encontramos na Bíblia, em última análise, está antiquado, obsoleto, orientado para o passado e tolhe o progresso. Dentro desta argumentação fica bem claro que as diretrizes para situações revolucionárias só podem ser fornecidas pela “Bíblia de Mao”. Os esforços de alguns teólogos em extrair diretrizes de atração semelhante da Bíblia dão uma impressão forçada, e aparecem como escaramuças ridículas, sintomas duma retirada geral duma classe profissional a qual praticamente não tem mais demanda e que está destinada a extinguir-se, perecendo com a geração das mãezinhas idosas.

Ora, proclamo em nome de Deus, a palavra de Deus como nos foi legada pela bôca e escrita de homens de forma humana na Bíblia, esta palavra nunca se torna antiquada e não tolhe o pro-

gresso que serve aos homens, uma vez que nos esforcemos com suficiente paciência de entender corretamente a sua mensagem, uma mensagem que em nosso caso nos vem da epístola de Paulo à comunidade cristã em Roma.

No trecho lido, Paulo parece defender uma antropologia dualista. O homem consiste de carne e espírito ou, em outras palavras, de corpo e alma. O corpo é terrestre, mau, repleto de desejos carnis e — por conseguinte — está afastado de Deus. A alma, por outro lado, é divina, eterna e imortal. Portanto, conviria considerar a carne já nesta vida como uma quantidade negligenciável, pois poderíamos denominar o corpo como prisão da alma como já o fizeram os órficos.

Dêste modo Paulo foi em grande parte entendido pelo monaquismo. O testemunho mais impressionante disto foi para mim o mosteiro “La Encarnación” ante as portas de Ávila. Ao procurar abrigo por causa do sol quente de Castília, quando a gente se dirige ao antigo portal do convento e toca a campainha, a porta se abre como por uma mão de fantasma. As freiras permanecem ocultas. Elas abrem e fecham a porta puxando cabos. Tendo entrado, a gente se encontra num vestibulo, cuja única ligação para o interior é constituído por um mecanismo giratório colocado na própria parede, sobre o qual pode colocar-se correspondência ou dádivas que, com o movimento giratório desaparecem por dentro, sem que uma mão se torne visível. Aos parentes só é possível falar com uma freira através duma parede com grades estreitas. Mesmo caso de grave doença as freiras não deixam o convento. Encontram o seu último descanso no jardim do convento, respectivamente no cemitério do pátio interno.

Aqui no mosteiro “La Encarnación”, onde Teresa de Jesus fez o voto solene e tomou o véu em 2 de novembro de 1533, rege imutável a rígida disciplina, que a grande mística introduziu através da sua reforma da Ordem das Carmelitas descalças. Tereza trilhou êste caminho, mesmo depois que a Reforma na Alemanha já tinha esvaziado os conventos.

Não queremos desprezar êste caminho. Mas êste não é o caminho do qual Paulo está falando neste texto. O apóstolo reconheceu que o homem com corpo, espírito e alma é totalmente carne, assim como também os nossos instintos e as nossas volúpias compreendem tanto espírito e alma como a carne. A blindagem mais forte que erigimos contra o mundo não nos liberta da nossa carnalidade! Tampouco a salvação consiste de uma retirada da corporalidade. Funções corporais e espirituais em conjunto são a expressão da vida humana. Ambas podem separar o homem de Deus, mas podem também ser postas em favor do serviço de Deus. Claro é que, afinal, não temos culpa por sermos corporais e neste sentido carnis. Pois nos achamos assim!

Quando Paulo fala da questão de que existem homens que andam segundo à carne, então entende nisto evidentemente mais

do que a afirmação ontológica de que somos corporais. Carnal representa, pois, para êle um t rmo de rela o, uma rela o do homem com si mesmo em vez duma rela o do homem com Deus. Estar intencionado carnalmente significa então, deduzir a sua existência de si próprio, não ligar a Deus ou declar -lo formalmente morto. O homem julga ser aut nomo, fazendo-se a si mesmo a norma para tôdas as coisas, interpretando a si e ao mundo a partir de si mesmo.  le faz o que lhe agrada, e com a maior naturalidade procura a vida al  onde não está, por exemplo: No gôzo da vida agitada da atual sociedade de consumo.

Este pensar carnal, esta visão umbilical e egocêntrica, não podemos superar por nós mesmos, segundo a mensagem neo-testamentária, muito mais, porém, foi esta nossa atitude que até chegou levar Jesus, a vontade incarnada de Deus,   cruz!

Mas, depois de sua morte nos ser pregada como liberta o e como início de uma nova rela o com Deus, a pergunta se torna, naturalmente, ainda muito mais insistente: afinal esta questão da ambi o da carne ainda nos interessa, a nós que somos batizados na morte de Cristo?

Paulo, porém, escreve a sua carta a cristãos batizados de Roma e, não obstante, fala da ambi o da carne e da ambi o do espírito. Esta contraposi o deve, portanto, têm-b m interessar-nos ainda de uma ou de outra forma existencialmente.

Foi s mente Lutero que conseguiu novamente compreender e interpretar realmente esta linguagem de Paulo, depois de ter experimentado numa intensidade inaudível esta contraposi o de carne e espírito no próprio corpo. Lutero reconheceu que "um e o mesmo homem, uma e mesma alma, um e mesmo espírito — contagiado e imaculado através da carne — a saber   '*espírito*', enquanto  le '*cogita das cousas de Deus*' (Mt 16,23), simult neamente '*carne*', desde que êle se deixa levar pelas sedu oes da carne. Se, contudo, o homem aprova completamente as sedu oes do corpo, então  le   totalmente '*carne*'. — cf. Gen. 6,3"<sup>1</sup>.

Totalmente espírito só podemos tornar-nos, quando tivermos superado a existência temporal. Nós, como crentes e como pessoas que procuram a Deus, e que sem embargo muitas vêzes não deixamos transparecer em nossas obras a vontade de Deus, somos semelhantes, falando metafóricamente, "  alvorada, que não   nem dia nem noite", mas a qual com maior razão podemos denominar dia do que noite, uma vez que a escurid o diminui e a claridade aumenta. Ou n s somos semelhantes  quele que foi

---

1) WA 2, 586, 9ss «Non ergo duo isti homines diversi imaginandi sunt, sed velut crepusculum matutinum, quod neque dies neque nox est, utrunque tamen dici potest, magis autem dies, ad quam de tenebris noctis vergit. Verum longe pulcherrime utrunque ostendit semivivus ille apud Lucam qui, a Samaritano susceptus quidem curari, nondum tamen plene sanus factus est, ita et nos in ecclesia nanamur quidem, sani autem plene non sumus...»

deixado meio-morto pelos bandidos, ao qual o samaritano levou para tratar dêle, mas o qual não foi curado completamente (Lk 10,30 ss.). Na comunidade de Cristo somos conduzidos à cura, mas ainda não somos completamente curados.<sup>1</sup> Entramos em conflito conosco mesmos; quem não experimenta isto diàriamente? Em nós se desencadeia a luta entre espírito e carne, impedindo-nos de cumprir, de coração alegre, a vontade de Deus. É por isso, permanecemos, enquanto vivos, como pecadores, que em cada boa obra carecem da misericórdia perdoadora de Deus. Sendo assim, podemos falar com o salmista: "Não entre em juízo com o teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (143,3).<sup>2</sup>

Para que sejamos bem compreendidos, vícios no sentido próprio da palavra latina "vitium", quer dizer maldades, iniquidades, nos excluem da comunhão de Deus. Paulo p.ex. pode enumerar: "prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedeiras, glotonarias, e cousas semelhantes" (Gal 5,19ss). Quem se encontra perturbado por êstes vícios, acha-se na noite do completo isolamento de Deus, quer dizer é homem totalmente carnal e não pode comparar-se com a alvorada da luz, de Deus que irrompe na vida do crente que luta verdadeiramente por obedecer a Deus. Aquêles homens encontram-se na luta entre carne e espírito, que realmente querem engajar-se em amor a serviço de seus próximos, mas que estão dolorosamente conscientes da pobreza dos seus esforços.

O nosso fracasso freqüentemente não se evidencia num contrôlo da consciência com base nos dez mandamentos. Muitas vezes conseguimos enfiar-nos através das malhas da lei. Nós geralmente somos muito menos culpados por causa das coisas más que fizemos, do que por causa das coisas boas que deixamos de fazer. O que nos acusa é justamente o que não fizemos, são também o nosso desespêro, os nossos desalentos e a nossa inércia perante os problemas políticos, econômicos e sociais que nos cercam por tôda parte aqui no Brasil.<sup>3</sup>

Hoje não é mais o homem prometeico, que quer ser como Deus e protótipo do pecado. Quem, afinal, quer ser como Deus, onde no máximo se fala da morte de Deus? Hoje o sub-homem, o homem, que fica abaixo do nível da "humanitas", é o protótipo do pecado, o símbolo da distância de Deus. O sr. "omnes" como dizia Lutero, "der jedermann", que por preguiça não se engaja, deixando correr tudo, êste sub-homem é a personificação do pecado no século XX.

---

1) WA 2, 586 — In epistolam Pauli ad Galatas... commentarius. 1519

2) WA 2, 587, 15ss.

3) Cf. J. Moltmann, «Die Auferstehung des Gekreuzigten und die Zukunft Christi» no vol. «Diskussion Um Kreuz Und Auferstehung» ed. por Bertold Klappert, 3. ed. Wuppertal 1968, p. 258

Claro, que êle não tem a aparência de um criminoso. A muitos isto se evidenciou durante o processo contra Eichmann em Jerusalém. Este criminoso, acusado de crimes hediondos, se lhes tornou desagradável, “porque êle tinha um aspecto por demais vulgar, parecendo-se demais conosco. Êle estava sentado na sua cela de vidro, limpando as lentes de seus óculos e corrigindo oficialmente os sinais de pontuação nas escritas das declarações dos testemunhos. Evidentemente incapaz de um mal diabólico, esta insignificância humana era um homem que cometera genocídio, executando o que lhe fôra ordenado, assoando seu nariz e cuidando da pontualidade da saída dos trens”<sup>1</sup>, que levavam os judeus para as câmaras de gás.

Hoje em dia respeito e passividade perante às autoridades e estruturas podem corresponder à preguiça e com isto justamente não à vontade do amor de Deus. Aquêles estar “em Cristo”, do qual Paulo fala aqui, não significa que vivemos numa atmosfera serena e longínqua, como que um tuberculoso no ar puro das montanhas, mas que por ventura novamente adocece, quando retornar às regiões baixas. Viver em Cristo significa no entanto, viver num ambiente diferente, a saber sob o domínio de Jesus, um domínio que não se impõe por fôrça, mas sim pelo poder do amor<sup>2</sup>. Este amor de Cristo clama pelo nosso agir em amor. A êste amor somos induzidos pelo espírito de Deus, que desde o evento pentecostal é apresentado aos seguidores de Cristo. Este “espírito” não corresponde nem à sentimentos internos (*Innerlichkeit*), ou à fôrça do intelecto, nem ao espírito da época, mas sim, é a fôrça motriz e vivificadora em nós, que nos abre para Deus e para o próximo. Este “espírito” nos guia, nos impele e nos atrai. Nós não somos “espírito”, nem podemos sê-lo nesta vida, mas podemos ser determinados pelo “espírito”! O “espírito” nos dá vida e paz mesmo em sofrimentos, perseguições e morte. Êle jamais nos deixa resignados ou desesperançosos. Apatia não é sinal do “espírito”.

Agora bem, enquanto não fôrmos perseguidos, mas livres, êste “espírito” quer conduzir-nos à “*gubernatio mundi*”, à um domínio e contrôle sôbre o mundo, guiado por uma razão determinada pelo amor. O “espírito” quer nos conduzir a intervir em favor dos perdidos. Êle não nos trará uma felicidade que consiste no esquecimento dos sofrimentos de outros. Mas, êle nos dá paciência para sacrificarmos tempo, fôrça e liberdade em favor dos homens para que, por nosso intermédio, seja aberta a um número sempre crescente de pessoas a esperança no futuro dos filhos de Deus. Seja isto o nosso culto racional, que Paulo exige de nós mais adiante na mesma epístola (12,1). Tal culto, melhor

---

1) Cf. Harvey Cox, «*Stirb nicht im Warteraum der Zukunft*», Stuttgart 1968, p. 11s. (Título do original: «*On Not Leaving It To The Snake*», New York)

2) Cf. Eduard Schweizer, *Jesus Christus*, Hamburg 1968, p. 107ss.  
Doz. Dr. H.-J. Prien

dito, serviço à Deus, que requer de nós na vida diária um engajamento em favor dos outros, pode chamar-se um culto racional por ser compreensível. Tal serviço corresponde ao "espírito", cujo pendor dá para a vida e paz.

*Doc. Dr. H.-J. Prien*

Pela valiosa colaboração na tradução desta prédica agradeço ao stud. theol. Rudi Zerbin e ao meu colega Dr. L. Weingärtner.